

Caju e Beija-Flor

6-4-66

Rubem Braga

CAIO Prado, em prefácio à edição fac-similada da «Cronografia Brasileira», nega a Aires de Casal «qualidades de observação, análise, comparação e síntese», mas abre uma exceção para as suas descrições de animais e plantas. E tem razão.

Imagine se você tivesse de explicar como é um caju a uma pessoa que nunca viu caju. Duvido que fizesse melhor do que isto:

«Seu fruto singular é do tamanho e figura de pimentão roliço, de pele fina, lisa avermelhada ou amarelada, e às vezes d'ambas estas cores, com uma substância branca, esponjosa, assaz succulenta, agridoce, sem caroço, nem pevides; e tem na extremidade um apêndice duro, com forma de rim de lebre, a casca cinzenta, cheia de óleo cáustico, e que cobre uma substância alva e oleosa; dão-lhe com propriedade o nome de castanha, porque só se come assado, e seu sabor nada difere do da castanha européia, quando assada».

Vejam agora sua bela perplexidade ao descrever certa espécie de beija-flor:

«Quando virado para o observador, a garganta e o peito tomam num instante várias cores, segundo os movimentos do passarinho; uma vez a da aurora, quando mais rutilante, ou de ouro derretido no cadinho, fugindo de repente umas vezes para verde, outras para azul, outras para branco, sem nunca perder um brilhante tão inimitável como inexpressável; a cabeça, que é negra, e ornada com um penachinho da mesma cor quando a ave está de costas ou de lado para a gente, parece cravejada de cintilantes rubis quando lhe apresenta a dianteira; ou tóca dum escarlate brilhante, que insensivelmente passa a um amarelo refulgente».

Será mal escrito; mas é bem descrito. O homem se esbaldou para dar uma impressão do bichinho, e deu. Não sei de ninguém que pudesse fazer isso melhor hoje em dia — a não ser Guimarães Rosa, naquêlé seu jeito lá dele.

M 529